

Reflectindo

O texto evangélico deste quinto Domingo da Quaresma é tão rico de propostas doutrinárias que, quase sempre, nem nos damos conta da interpelação contida nos dois primeiros versículos, no «pedido de alguns gregos feito a Filipe, de Betsaida da Galileia: 'Nós queríamos ver Jesus'».

Filipe era Discípulo, podia ter ido directo ao Mestre; mas foi dizer a André, um dos primeiros que tinham visto Jesus e levava Pedro a vê-lo — e «foram ambos dizer a Jesus».

Bela e instrutiva esta delicadeza no seio do Colégio Apostólico onde coexiste a consciência da igualdade essencial e o sentido das diferenças!

Não consta do relato evangélico que Jesus tenha mandado trazer-Lhe aqueles gregos. A Sua resposta é universal: «Chegou a hora em que o Filho do homem vai ser glorificado». Levantado na Cruz — e tal está iminente — aqueles gregos poderão vê-lo. E para os homens de todos os tempos, este acontecimento irrepitido permanecerá o sinal por excelência para ver Jesus que, do alto da Cruz, continuará «a atrair todos a Si».

Mas Ele está vivo e prometeu ficar connosco, sempre. Como «naquele tempo», em todas as gerações surgem

«gregos» que O querem ver. Esperarão dos discípulos que lhO mostrem. Os discípulos de hoje já não são os Apóstolos, mas «têm de ser da mesma paixão e gastarem-se como eles em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo».

Esta palavra de ordem de Pai Américo não se esgota nos seus seguidores; é dirigida a todos os homens e mulheres de Fé, que hão-de provar a sua autenticidade de discípulos na missão de mostrar Jesus a quem deseja vê-lo. Desempenhá-la-ão pela palavra, certamente; mas mais ainda pela vida, pelo estilo de vida que adoptarem, em tensão com a vulgaridade do mundo.

Assim como o Senhor escolheu a Cruz para Se mostrar e ficar patente aos olhos dos homens de todos os tem-

Continua na página 4

MALANJE

Outra vez Angola

COM suas belezas e o seu Povo que, apesar de tudo, continua a sorrir e a lutar. Chove em Luanda. Os carros vencem as covas de água e salpicam tudo. As crianças riem e brincam. A água penetra nas lixeiras e acorda a fera adormecida e invisível que, de garras afiadas, ameaça a saúde de todos.

Na nossa Casa do Gaiato, também poças de água; os carros a cair; alguns comportamentos maus e carências. Vamos lutar. A vida para todos é um caminho quotidiano superando os obstáculos. Porém, muitas alegrias: A recordação viva de todo o carinho que os nossos padres, minha família e os amigos me dispensaram; as muitas ajudas — valioso amparo no caminho. O reencontro com a família de Malanje. Neste momento de ameaça nítida à vida familiar — urge reforçarmos os laços.

Padre Custódio, de saúde, mas cansado e triste com o desastre de um nosso gaiato, um carro estragado e uma criança ferida. Tal como uma família: A manhãs cheias de alegria sucedem tardes com dor.

E, por fim, na Carianga, a grande mulembeira de copa frondosa: Tremi de comçoço e falei com ela. Só o coração capta as suas falas suaves e cheias de ternura.

Padre Telmo

MOÇAMBIQUE

Aumenta a legião de órfãos à nossa volta

O Gabriel Pedro é o último menino que recebemos. Tem cinco meses. Abandonado pelo pai, quando a mãe, jovem ainda, caiu doente sem cura e morreu.

Esta criança resume em si, por um lado, todo o sentido da nossa presença no meio deste Povo e, por outro, configura o padrão de inúmeras vítimas da desonestidade progeneradora e da orfandade causada por doenças transmissíveis.

O pensar e o sentir da Obra da Rua sempre foi, e nunca será alterado, tenho a certeza, o dar a mão aos mais abandonados. Na medida em que acompanhamos o crescimento gradual da criança, adolescente e jovem ou homem feito, somos participantes activos da estruturação de seus comportamentos, sobretudo da formação de consciências e vontades, que emergem a muito custo. Qualquer falta de interesse e atenção é prejudicial, sobretudo se não se atingiu ainda uma fase de recíproca confiança e amizade.

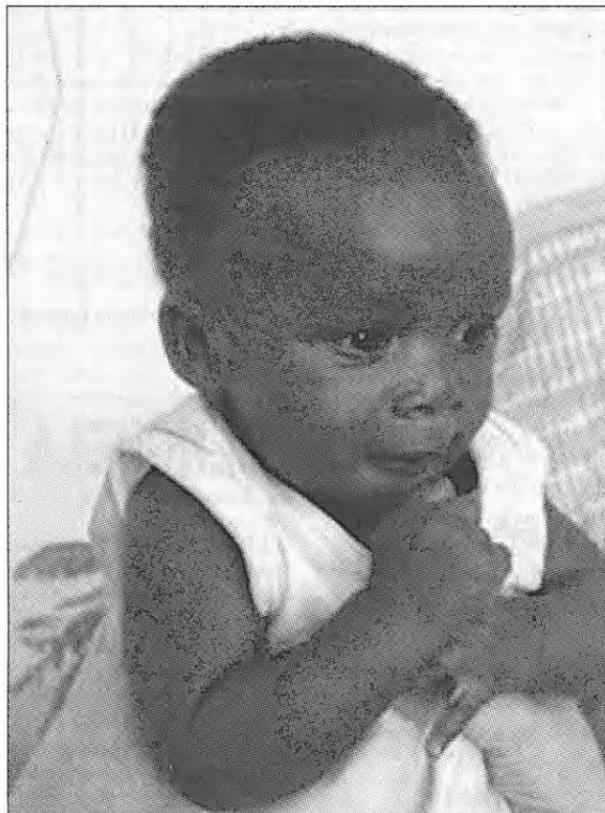
Tão importante como isso, que poderia não passar de um mero processo profissional, é que à partida há um pressuposto indispensável. Os padres da rua e as senhoras que configuram o pai e a mãe de família que não existiram, são pessoas de Fé e sabem a Quem servem. O que fazemos ao mais pequenino dos nossos irmãos é a Ele que fazemos. E isto antepõe-se a todo o nosso trabalho com crianças abandonadas. O abandono delas fere-nos a alma. Elas poderiam dizer, com a mesma propriedade que Jesus na Cruz: «Pai, porque me abandonaste». E nós somos resposta do Pai.

Quantas vezes tenho dito aos meus: — Tu não mereces castigo pelo que fizeste, mas o teu pai merecia estar na cadeia.

Sei que não é apenas entre africanos que acontece, mas tomar uma jovem indefesa, fazê-la mãe, transmitir-lhe doença incurável, deixá-la à morte com um filho pequenino nos braços e ir para outra, é um comportamento inqualificável.

Lí, há dias, num jornal que há uma proposta de lei para a nação portuguesa que o Papa um dia chamou de fidelíssima, que para simplificar o trâmite legais do divórcio deve bastar que um dos conjuges queira e pronto. E então os filhos? É a dita reinserção social que vai resolver os

Continua na página 4



O último menino que recebemos.

Páscoa

A nossa Páscoa é Cristo imolado! Ela nasce na história de um Povo que se orienta pela Fé a caminho da Terra Prometida.

Seguros da Ressurreição aceitamos este dado quotidiano: — imolados com Ele e como Ele, por causa dos pecados do homem.

Naturalmente, é mais agradável saborear as vitórias do que viver as batalhas. No

entanto, a vida do homem, neste mundo, é um permanente combate e a do cristão, o discipulado de Cristo.

Todos os outros caminhos são mera ilusão!...

Quem quiser ganhar a Vida tem de perdê-la.

Só quem a perde é que A ganha.

A nossa força emerge da palavra de Jesus por quem arriscámos a vida toda. Não há desânimos, não há triste-

zas, não há derrotas que nos façam vacilar.

O caminho está traçado.

A larga experiência tem-nos deixado alguma sabedoria.

A nossa vida, tecida na dos rapazes, obriga-nos a uma contínua imolação, que deve ser feita com alegria.

Sobretudo com os adolescentes — fase de desenvolvimento descontrolado — também ela passagem; o sacrifício é permanente.

Um professor, do sétimo ano, angustiado, agarrou num dos meus e trouxe-o da Escola para falarmos, aqui, os três. Relatou, então, o desinteresse, a apatia e até revolta de alguns contra as aulas e o estudo. «Não percebo. Não sei explicar».

É na verdade um drama. Rapazes com tudo nas mãos e sem vontade de nada!

O que sofrem, hoje, os pais com filhos assim?...

O que padecemos nós?!

Enredados numa cultura pagã e cegos por aquelas ilusões, não há testemunho que os faça acordar. São três ou quatro, no meio de quarenta, mas a gente prende-se mais aos desequilibrados do que aos sensatos.

Os Pobres que nos batem à porta, lamentando uns o seu abandono, outros o desemprego, a falta de pagamento do trabalho executado, a doença ou a incapacidade de vencer as dificuldades; os sem rumo e sem família, os doentes desalentados e aqueles que, sem cura, ainda esperam a saúde, prolongam em nós a Sexta-Feira Santa.

A Páscoa é a nossa alavanca, já a vemos na imensidão de famílias que os gaiatos geraram e, agora, nos envolvem de carinho, respirando comunhão connosco.

A mulher de um deles, telefonava-me, há dias, a pedir o número da conta.

— Quero depositar-lhe quinhentos euros por mês, para as Obras, na Casa do Gaiato em Paço de Sousa.

Sim. Iremos renovar a casa-mãe. Respeitando a traça arquitectónica exterior e alguns compartimentos íntimos do Padre Américo, adaptá-la-emos ao tempo moderno sem a despirmos da conveniente austeridade.

A nossa festa está em marcha. Se não for, este

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DOENTES — A filha, ainda jovem, vive na casa da mãe (reformada por invalidez).

Ela é casada, mas tem um processo em Tribunal contra o marido, desempregado, ainda parado porque espera um advogado da responsabilidade da Segurança Social.

A moça tem dois bebês, duas meninas que sentem já os problemas dos pais...

As crianças traziam expressa na cara uma profunda dor que nos impressionava e que revela ser um caso difícil para nós outros também.

A avó sofre de um mal («estou à espera de ser chamada pelo hospital...»). A moça também com cara de não saber o que fazer à sua vida atribulada...!

A gente procura sofrer com esses calvários, agora bem mais difíceis por via da crise, ou das crises sociais que os homens fazem sofrer os mais pobres, os mais fracos, os que mais padecem não tenhamos dúvida.

PARTILHA — Setenta e cinco euros da assinante 14493, do Porto, «distribuição habitual relativa ao mês de Março. Deus vos guarde sempre, com os votos desta amiga, de há muitos anos», afirma a nossa Leitora.

Assinante 53241, do Luso: «A aplicação de vinte e cinco euros fica ao critério das necessidades mais prementes, que são do nosso conhecimento. Em Sua infinita bondade, Deus vos cumule com muita saúde e boa disposição para continuardes a agir a favor dos mais necessitados, pela relativa necessidade de conceitos em que a actual sociedade hoje vive e orienta a sua vida».

Cheque de setenta e cinco euros da assinante 31254, de Fiães, «para adoçarem a Páscoa de um velhinho».

Mais sessenta e cinco euros, do assinante 9790, de Perosinho (Vila Nova de Gaia) que «ficará grato por uma oração para que as guerras sejam dominadas e, em seu lugar, haja Paz como dom de Deus».

Por alma de uma Amiga que o Senhor chamou, em 24 de Março, cinquenta euros. Era a assinante 22507, que Deus haja.

Agora, duzentos e trinta euros, da assinante 65318, de Santo Tirso de Prazins.

Mais quatrocentos e setenta euros, da assinante 31104, de Lisboa, que envia, todos os meses a sua oferta para os habituais destinatários. Traz no seu coração esta marca: «Enquanto puder não esquecerei os que precisam. Continuo com a convicção de que é a melhor forma de comunicar com Deus».

Oferta do assinante 9217, 32,50 euros.

A assinante 7769, do Porto, com nova remessa de cem euros «para os mais carenciados».

Quinze euros da assinante 36390, de Baixa da Banheira, saudosa da sua estada na África portuguesa.

Cheque de quarenta euros pela mão da assinante 11856, do Porto, em agradecimento «a Deus e à Virgem Maria pela saúde de minha mãe».

Em nome dos Pobres o nosso muito obrigado. E Santa Páscoa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VOLEIBOL — Colocaram uma rede de voleibol no nosso ringue para podermos usufruir de mais uma actividade desportiva.

TEATRO — Alguns rapazes foram convidados a assistir a uma peça de teatro. Esperamos que gostem. Agradecemos às pessoas que nos convidaram por esta iniciativa.

CAMPO — Começou a sementeira da batata, como é habitual, todos os anos, para que possamos tê-la durante todo o ano, se Deus quiser.

FESTA — Os nossos rapazes preparam a festa da Páscoa. Já começaram os ensaios para que tudo corra nos conformes.

PÁScoa — Está quase a chegar e é convidada em família, na nossa Casa. Desejamos aos Leitores d'O GAIATO uma Santa Páscoa para todos.

Ilídio Polónia e Ricardinho

DESPORTO — Recordam-se daqueles três miúdos que choravam, fugiram várias vezes e numa dessas fugas, alguns dos B. V. de Cete, aproveitaram e chamaram a Comunicação Social para, à custa dos Rapazes, aparecerem na primeira página de um Jornal.

Venham agora cá vê-los, como não choram; não pensam em fugir: nota-se nas suas faces as cores rosadas e alegria naqueles olhos.

Dos três, dois são atletas do Grupo Desportivo, nunca faltando aos treinos. Há dias, fomos à mata dar umas corridas, e o mais velho, com onze anos, manteve-se firme, fazendo ver a muitos já habituados a estas andanças! Quando chegámos ao campo, alguém sublinhou o facto, e, toda a gente bateu palmas ao Carlos. O Desporto, nesta Casa, não é só bola. Tem algo que não se vê, não se apalpa, mas vai alicerçando, cada vez mais, a união entre todos, à medida que se vai trabalhando!...

Em 9 Março os Seniores receberam, logo de manhã, a equipa da Narprinte, a quem ganharam em quase tudo..., no que diz respeito a golos, tam-

bém não ficaram atrás, mas a vitória mais importante, essa, ficou por subir ao pódio.

Da parte de tarde, os Iniciados receberam o F. C. do Candal, onde imperou o respeito mútuo, com bom futebol e em ambiente de confraternização.

Começámos por sofrer o primeiro golo de grande penalidade, o que não foi nada agradável. Todavia, se os rapazes estão bem preparados fisicamente, estão melhor mental e psicologicamente. No final do desafio, o resultado foi-nos favorável. Vitória suada, mas saborosa pelos ingredientes utilizados por toda a gente, sobretudo pelos jogadores: disciplina, excelente futebol e óptimo entendimento.

Em 16 de Março os Seniores receberam um grupo de Rio de Moinhos que dá pelo nome de «O Turno da Noite». Apesar de não andarem a dormir e de na primeira parte do desafio oferecerem bastante resistência, não impediram que a vitória ficasse do nosso lado. Apenas três referências: a primeira vai direitinha ao «Teixugueira» que no eixo da defesa, fazendo dupla com o «Bonga», esteve excelente; a segunda, ao «Tainha», apesar de não ter feito um bom jogo, marcou um golo espectacular; a terceira, ao «Doutor», que mais uma vez não deixou os seus créditos por mãos alheias, ao marcar dois «tentos», um dos quais pode-se considerar fora de série. De resto, não passou de um desafio de futebol, onde ganhamos, mas não convencemos.

Alberto («Resende»)

A viagem

*Sinto dentro de mim
Algo que dói nesta viagem
Tudo à minha volta pára
Os pensamentos fogem
Mas nada me separa
Desta forte e emocional dor.*

*Permanece a simples coragem,
As paisagens ganham cor
Solidariedade daquela aragem
Voam as gaivotas
Na vida há encanto
Destas árvores em nós
[plantadas.*

*Segredos que me deixam
[incerto
Retoma nas encostas
Dos príncipes elevados montes
Nascem as mais macias plantas
Cobre-se um gigantesco manto
De nuvem ameaçadora,
Fortaleza e clareza,
[brilha o sol
Em mim fortalece a esperança.*

*Adormece a minha dor
A Natureza achou graça
Está a terminar a viagem
Tudo retoma a sua forma
Memória guardou a mente.*

Abílio Pequeno

SETÚBAL

HORTA — Os nossos rapazes andaram a arrancar as ervas da batata, que está a crescer muito rápido. Também andamos a schar as favas, as couves e as ervilhas, para que elas tenham mais força para crescer.

criação — Nos galinheiros e no pomar em frente, temos muitas famílias de patos mudos e bravos, gansos, galinhas e garnisés, para além da restante população. A alimentação é há base de restos do nosso almoço, milho e pão demolido. Como as aves andam à solta, têm muitas ervas para comer.

VACARIA — As nossas vacas continuam a dar à luz lindos bezerros. O «Resende» é o responsável por lhes dar leite. Recebemos agora uma carga de fardos de palha, que será distribuída pelas vacas e bois. Eles comem em grande quantidade, pelo que, às vezes, é difícil arranjar tanto alimento para eles.

BAPTISMOS — Na nossa Vigília Pascal, teremos doze rapazes que passarão a ser filhos de Deus. A D. Selda e a Ana Teresa, foram as catequistas que prepararam estes rapazes para melhor poderem receber este sacramento. Agradecemos a todos os catequistas que nos ajudam a aprofundar a nossa fé.

António Loureiro

BENGUELA

PROFESSORES — Alguns dos nossos rapazes começaram a dar aulas este ano. Está tudo a correr bem, o director da escola mostrou-se muito grato com a presença e colaboração destes nossos rapazes. Os alunos também estão muito felizes.

OVELHAS — As ovelhas estão a desenvolver-se muito bem. Constituem um bem para a nossa alimentação, por isso o nosso pastor cuida delas com todo o amor e carinho, porque gosta e quer o seu bem.

OBRAS — Começou a construção da casa 3. Este projecto já vem desde há muito tempo com o nosso Padre Manuel. Quem está a patrocinar a construção é a empresa petrolífera de Angola: A SONANGOL.

O nosso muito obrigado. Oxalá que seja um obra bonita e confortável.

DESPORTO — O campeonato da zona F, do qual fazemos parte, já começou. Começámos muito mal, perdemos os dois jogos realizados no nosso campo. O atletas dizem que é por falta de treino, porque

ainda não foi definido um dia para os treinos devido ao desencontro dos atletas que, agora desempenham actividades diferentes, em locais diferentes e com horários diferentes. Está-se a fazer qualquer coisa para solucionar o problema, pois sem treinos não pode haver bons jogos.

M. S. A.

MOÇAMBIQUE

MISSA DOMINICAL — É nosso dever, como cristãos, participar na Missa aos Domingos e outros dias, não só para pedir a Deus pelas nossas aflições, mas também agradecer-Lhe por tudo o que nos tem dado merecida e gratuitamente.

Com a ausência do nosso Pai, o Padre José Maria, ficámos sem ninguém da Casa para celebrar a Missa, mas, graças a Deus, dois Padres têm vindo celebrar em nossa Casa aos Domingos. São eles: o Padre Jaime e o Padre Germano.

A eles, do fundo do nosso coração, obrigado por nos terem incluído na sua Pastoral.

Alberto António

VISITAS — No passado fim de semana recebemos, no seio da nossa família, um casal brasileiro. São voluntários e desde a sua chegada, em Março do ano passado, têm desempenhado uma função de activistas de HIV-Sida, nos distritos de Boane e Namaacha, a sul da Capital do País: Maputo; e conforme eles disseram, o seu contrato é de um ano.

Estando em vésperas do seu regresso à terra natal, resolveram, de livre e espontânea vontade, passar uma parte dos seus conhecimentos, não só à malta, mas também aos nossos professores e a alguns colegas que conosco estudam.

Na parte da manhã reuniram-se com os professores e, de tarde, conosco. Discutimos pontos interessantíssimos, desde a maneira como poderemos evitar a «doença do século» até à forma como este mal tem matado, drasticamente, em quase todo o mundo, milhares de inocentes, sem escolher sexo, idade, raça, etnia, filiação partidária, situação social e outros.

Sugestões não faltaram. Sugeriu-se a criação de um grupo de activistas gaiatos de forma a tentar «salvar» outros jovens para que também não caíam nesta desgraça. Foi bom porque pudemos expor questões que, se calhar, até hoje não saberíamos detalhes deste catastrófico mal da sociedade humana.

Para eles o nosso muitíssimo obrigado e um bom regresso ao Brasil.

OFERTA — Mensalmente recebemos da Colgate Palmolive diversos materiais de higiene pessoal que têm sido indispensáveis na limpeza dos

nossos dentes. De entre esses materiais, pastas e escovas dentífricas.

A Colgate Palmolive, que já está implantada no País há alguns anos, tem sido ponto de referência para quem deseja ter boa saúde dentária.

Hoje, chegou a nossa Casa um grupo de estudantes do ISCTEM (Instituto Superior de Ciências e Tecnologia Dentária de Moçambique) que está a concluir o curso de Estomatologia Dentária e veio acompanhado pelos respectivos professores, e uma vez estando em estágio aproveitaram a oportunidade para ver os nossos dentes. Traziam com eles uma clínica dentária móvel. É uma carinha toda enfeitada, com ar condicionado e tudo. Um grupo deles foi atendendo os nossos rapazes, enquanto outro adiantou para as Creches de Massaca I e Picoco.

Almoçaram conosco e têm perspectivas de vir à nossa Casa uma vez por mês se o tempo o permitir.

Casimiro Manhisse

OBRAS — No ano passado teve início a construção de três pavilhões na nossa Fazenda. Um para a criação de frangos, um para galinhas poedeiras e outro para pocilgas.

A construção destes pavilhões teve o seu término nos finais do ano passado, e eu e o senhor José Manuel, iniciámos as instalações eléctricas no pavilhão destinado aos aviários, e fizemo-lo também na futura pocilga.

Os nossos aviários, incluindo o novo, estão cheios de pintos e diariamente as galinhas põem cerca de catorze dúzias de ovos. Em Junho reiniciaremos a criação de porcos que fora interrompida há três anos devido a uma devastadora peste suína.

Lázaro Carlos

SAÚDE E MEDICINA — Bruno, o novo talento. Todos os gaiatos passam por várias experiências, de sector para sector, para descobrirem a sua profissão.

A partir do dia 17 de Março de 2003 um dos nossos, o mais novo neste sector, o Bruno, começou a trabalhar no Posto de Saúde.

O seu empenho no local de trabalho tem sido muito importante, pois ele mexe em tudo, argumenta tudo, experimenta tudo o que lhe aparece. Logo no primeiro dia começou esta experiência, com aquele olhar atento e curioso, olhava a tia Maria a fazer os curativos aos alunos que lá passavam.

Nisto apareceu, naquela tarde, na nossa ausência, o tio Jerdino, o técnico de informática da Casa que fora lá pra fazer um curativo, mas ele é novo na Casa e nem conhecia quem lá trabalhava. Encontrou o pequenino e perguntou se ele é que era o «médico», ele nem disse que era um simples ajudante, limitando-se a fazer o curativo.

O meu espanto foi no dia seguinte quando o tio Jerdino

MOMENTOS

A nossa vida

«CAIXA» é um rapazinho de catorze anos espigados.

No princípio do ano escolar manifestou algum interesse, com sintomas de evolução, na sua verdadeira auto-estima pelo empenhamento nas aulas e esforço no estudo.

A minha surpresa foi tão agradável que o elogiei perante os colegas, baseado na opinião do director de turma.

Tem alguma dificuldade de vista e o cuidado com os seus olhos não me tem sido indiferente.

Andava com umas armações à aviador e parecia-me que a posição das lentes não seria a mais indicada para uma visão saudável e correcta.

Fui com ele ao oculista que, depois de o examinar, concluiu comigo ser necessário substituir as lentes e a armação.

Tenho em Casa muitas armações novas que costume utilizar para os mais pequenos!

Dado o seu entusiasmo na escola, quis acrescentar mais um estímulo: — Uma armação moderna e segura com lentes novas!...

O adolescente evitou comprometer-se comigo, em manifestações de alegria, e o facto deixou-me intranquilo.

Estávamos por altura do Natal.

Agora, as últimas informações da escola deixaram-me cheio de tristeza.

«Caixa» desleixou-se, não mostra a atenção nem interesse nem brio e o seu ano escolar corre perigo.

Na sexta-feira, apareceu sem óculos. Que os tinha deixado na escola, esquecidos na bancada do campo de futebol. Pareceu-me, logo, que me enganava, pois a falta de vista é tal que não lhe permitiria semelhante distração.

Governou-se com os óculos velhos no estudo de sexta-feira e de Domingo e, na segunda-feira entrou na sala de jantar despercebidamente, no regresso das aulas, sem qualquer cumprimento ou satisfação.

— Boa tarde, «Caixa» — gritei alto — então os teus óculos? Não te sentas à mesa sem eles.

Nessa tarde, o nosso ho-

mem desapareceu. Ausente da sala de estudo, o chefe foi encontrá-lo na sua casa.

Antes do jantar houve *tribunal*. Que não sabia a razão porque lhe tinha comprado uns óculos tão modernos. Que não os havia encontrado na escola. Que perguntara a toda a gente e na secretaria sem que ninguém soubesse de nada, etc.

Era tudo mentira. O rapaz obstinara-se e entregava-se ao embuste manifestando-se revoltado perante a indignação de todos por não acreditarmos nas suas afirmações. Isto era à tarde, após o Terço, antes do jantar, diante de todos.

Entretanto, levanta-se o Meira que põe a verdade:

— Ele partiu os óculos a jogar a bola e mandou-os arranjar.

Tudo arrumado. Tudo vencido: a mentira e o «Caixa» — perante as declarações do colega!...

Oh arma inimiga! Bem disse o Mestre que eras filha do diabo! Jogada, hoje, de toda a maneira, neste mundo libertino, és utilizada em todos os ambientes, desde o mais caseiro ao internacional, a pretexto de tudo, contanto que sirvas os interesses mesquinhos de cada jogador!

Numa das nossas mesas de ping-pong, apareceu gravado, à navalha, em letras grandes e largas, o nome da menina Ana Paula.

O tempo da mesa, pintado a verde, ficou muito danificado. Fico triste. Amargurado. Até os instrumentos

de diversão e desporto se vandalizam!...

Perante todos, perguntei, depois de ter explicado e exposto a minha dor:

— Quem foi?

Levanta-se o Abílio:

— Fui eu!

Oh bálsamo! Oh alívio!

Advertido o rapaz pela sua irreflexão, foi elogiado pela coragem de se acusar e não permitir que a dúvida atingisse outros, perlongando o sofrimento colectivo.

«Fui eu!» Nada mais digno!

Padre Acílio

DOCTRINA



Notas de viagem

FUI por aí abaixo, até Lisboa, com escala em Coimbra. Era no *de prata*. Em S. Bento encontro-me com um rapaz muito simpático que antes me fora apresentado por um rapaz tão simpático como ele, ambos do Porto e chefes de família.

— Olhe que você toma café comigo.

Sim. Tomámos. Fizemos um pequenino parlamento; de tal sorte que o criado vem pôr a mesa para o almoço e nós em plena conversa!

— Vocês não sabem o bem que fazem à gente quando celebram Missa com presença!

Nem aquele rapaz sabe o bem que me fez, a mim celebrante, no aviso que nos deu a nós, celebrantes. Tal a força do Acto que faz da assistência actores! Fiquei em Coimbra. Despedi-me com saudades.

OS farrapões de Atenas são às chusmas. Levava comigo senhas da Cozinha Económica e disse a um deles:

— Toma lá estas três senhas.

O garoto desata a fugir, de contente; e, daí a nada, regressa no mesmo passo:

— Olhe, deu-me quatro!

Quem é assim fiel nas coisas pequenas, espera-se que também o seja nas grandes. Estive no Lar de Coimbra, fui acima à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e tenho muito gosto em comunicar a velências que tudo vai bem.

AGORA é o rápido, no lanço Coimbra-Lisboa. Quando estava posto em sossego num cantinho e me preparava para sonhar, um senhor bateu-me no ombro e chama-me ao corredor: «Olhe, desculpe, é uma promessa: A primeira vez que o visse, em qualquer lugar que fosse, dar esta nota». Cumpriu. Sei que é do Porto, mas não sei mais nada. Todos querem ser *Ninguém* diante da Obra da Rua. Oh grandeza da Humildade, que quedas silenciosas em presença das Obras que servem os humildes!

CHEGADO que fui, preparei-me para a via dolorosa dos ministérios, na Igreja de S. Domingos. No altar recordei o aviso do companheiro de viagem: «Celebre com presença!» Andei por lá três dias. Um senhor dos ministérios quis que eu fosse almoçar amanhã a casa, mais a família. — Ó meu senhor, por cinco contos! Foi justamente quanto me deu hoje um Amigo e eu não posso fazer preços desiguais para evitar melindres. O senhor dos ministérios achou muito caro e ficámos amigos como dantes.

NO cofre do Alexandre de Almeida havia oiro para mim e na Casa do Ardina da mesma sorte — de *Ninguém*! Topei na rua o «Zé Ninguém» de Lisboa. Fui à Redacção de *A Voz* buscar umas lascas que lá estavam para mim. Tive nas ruas alguns «tome lá» e «aqui tem». Regressei pelo mesmo caminho e encontro-me actualmente em Paço de Sousa, à espera das tuas ordens.

O. Acílio 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

Páscoa

Continuação da página 1

ano, como seria meu desejo, levá-la-emos no próximo aos olhos e ao coração dos Amigos. Alguns rapazes já ensaiam há muito e o grupo musical avança em teoria e em prática.

O nosso Padre Luís, da Casa do Gaiato de Lisboa, está mal, numa clínica do Porto.

Temo-lo acompanhado na debilitação das suas energias na expectativa, serena e sábia, da sua hora que será de glorificação, partilhando a glória do Ressuscitado. Ele que perdeu a vida na Obra, irá possuí-la eternamente.

Pressinto que esta, de 2003, será a Sua Páscoa.

Alguns rapazes são baptizados e outros fazem a Primeira Comunhão, porém a nossa liturgia, sendo celebração gloriosa e reconfortante, é sempre marcada pelo peso da vida e pela esperança da ressurreição.

Padre Acílio

apareceu para mudar o penso e eu perguntei quem o havia tratado. Respondeu que fora um rapaz chamado Bruno. Foi a descoberta do seu talento, e que fique de lição para todos, que a gente aprende tudo que constrói na vida.

Parabéns ao «Batatinha» Bruno.

Vicente Timba

DESPORTO — Na nossa Casa o desporto que mais praticamos é o futebol. Para além dos jogos internos, começámos a realizar jogos fora de Casa, nas aldeias da Barragem, Mas-saca 1, Maelane, 25 de Junho e outras. Nos jogos já realizados houve sucessos e fracassos.

Nós, os mais novos, tivemos o nosso primeiro jogo na semana passada e conseguimos um empate a um golo — foi num dia de muito calor, a temperatura rondava os 35°C, mas já começámos a treinar muito e a sério para estarmos preparados para o próximo confronto.

Sebastião Elias

AVALIAÇÕES — Passaram três semanas depois das primeiras avaliações, e os resultados foram razoáveis.

Agora, estamos a realizar as segundas avaliações, onde esperamos melhores resultados que nos permitam ter uma base melhor para a média semestral.

Os alunos externos saíram-se bem nas primeiras avaliações, mas nestas preparámo-nos melhor e esperamos que os

resultados também sejam melhores.

Orlando Mavie

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Como é bom trabalhar a favor dos nossos irmãos mais carenciados. Quanta coragem eles nos dão, quando os visitamos como amigos e vicentinos. Recebem-nos de braços abertos.

Gostamos muito de fazer a nossa visita, que é a missão de qualquer cristão, para que pensamos preparar o caminho do Senhor e o encontro do Homem com Deus.

A vocação vicentina é o fruto de um grande amor e de uma paixão pelo Pobre.

Perguntamos aos nossos jovens católicos, se ainda hoje não são capazes de dar o seu contributo pelos nossos irmãos mais carenciados, as Conferências estão com muitas dificuldades e falta de juventude. Por isso, jovem, não te esqueças de dar o teu contributo na Conferência da tua freguesia, porque nesta sociedade de consumo, cada dia que passa, mais necessidade têm as Conferências de sangue jovem.

A nossa sociedade anda indiferente e distante para com o

próximo, são coisas que nos passam ao lado, esquecemo-nos que hoje são eles, amanhã podemos ser nós ou algum familiar, temos que entregar a nossa vida por amor ao Próximo.

Por vezes temos a ideia de que temos medo de amar, mas não tenhamos medo, deixemo-nos embalar pelo amor, porque o Pai do Céu diz no Evangelho «que a tua mão esquerda não veja o que a direita dá».

Esta semana tivemos na nossa reunião, que é habitual todos os meses, e é neste encontro que todos os vicentinos dão testemunho da visita aos Pobres.

É salutar, como eles contam, a forma como são recebidos. O seu trabalho dá frutos. Para nós é uma gratificação quando verificamos que o nosso trabalho vale a pena.

Um dos casais estava feliz porque a uma das suas Pobres, que tem quatro filhos, a Câmara arranhou uma casa com três quartos. Esta família já passou muito mal, mas, agora, a situação melhorou. Ele arranhou emprego e ela também, graças a Deus já podem construir o seu lar com que tanto sonharam.

Em relação aos outros nossos Pobres, também estão a lutar pelo seu dia-a-dia, mas estamos atentos.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Amiga assinante 20617, dez euros; assinante 6313, cem euros; de Artur Gonçalves, recebemos a sua oferta com uma carta cheia de

amor e carinho para com os vicentinos e para com os Pobres.

Bem-haja e aproveitamos para desejar a todos uma Santa Páscoa.

Casal Félix

TOJAL

CARAS NOVAS — Vieram mais dois jovens para a nossa comunidade, o nosso lema é sempre o mesmo: que eles se adaptem bem ao nosso meio ambiente e que tenham proveito, para que amanhã possam constituir as suas famílias como todos os jovens sonham.

CAMPO — Foi semeada a batata, porém a cebola, o alho e a fava continuam a crescer satisfatoriamente.

AGRADECIMENTOS — Foram-nos oferecidas mil cabeças de frango vivo, que repartimos com os nossos irmãos de Setúbal. As restantes foram abatidas para as nossas refeições.

Temos recebido produtos agrícolas, gelados, bolos, etc. A todos os Amigos que se lembram de nós, o nosso muito obrigado pela vossa solidariedade, pois é do vosso carinho que os sorrisos dos gaiatos continuam a germinar.

Abílio Pequeno

SETÚBAL

Celebrar a Páscoa

CELEBRAR a Páscoa de Jesus, é celebrar a loucura do amor de Deus por nós. Loucura que reside no sem sentido aparente que é, morrer para comunicar vida.

O mundo não entende, nem pode aceitar esta verdade; Viver é dar vida.

A criança abandonada no nosso meio, carece fundamentalmente de vida. E *ressuscitar* os sem-vida, é continuar a Páscoa de Jesus. A criança precisa de alguém que se dê por ela, e que, à maneira de uma transfusão, lhe dê o ânimo que a faça encontrar o equilíbrio.

Embora as ciências humanas tenham evoluído muito, há uma outra realidade que não tem mais por onde evoluir pois já atingiu o seu limite. Realidade esta que é a essência da vida: o amor.

A Páscoa é este cume do amor. É a sua plenitude.

Ao abandonado, carente de amor, não podem as ciências humanas dar-lhe aquilo que elas não têm. Para levantar o prostrado, não podem as técnicas humanas valer.

Se nos questionamos de alguma adaptação que haja a fazer ao espírito que nos anima, concluímos só pode ser uma — viver numa maior fidelidade ao Espírito da Páscoa de Cristo. Ela é a verdadeira fonte que sacia a humana sede, onde o Pobre encontra as autênticas riquezas, que o mundo não lhe poderá dar.

O amor de Cristo, põe-nos a andar pelo nosso próprio pé; não nos substitui no nosso caminhar. Aplicar este espírito de vida à criança abandonada,

é dar-lhe espaço e oportunidade para avançar por suas próprias capacidades. Bem intuiu Pai Américo ao querer-nos «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Eles a andar pelo seu próprio pé.

Mas os homens hoje andam cansados, desiludidos, talvez como nunca, descrentes no próprio homem. Quando vejo os nossos rapazes na distribuição d'O GAIATO, a serem trocados por cães abandonados, que posso ver senão esta pobre sociedade perdida e sem rumo, buscando nos animais a confiança perdida? É uma experiência que se repete, sempre que os nossos pequenos vendedores vão para local onde se faz a distribuição de animais abandonados. As pessoas voltam-se para estes e ficam indiferentes com os nossos.

A vida de Cristo, não teve qualquer valor aos olhos dos que O condenaram. Que valor Lhe é dado hoje, na vida dos inocentes, vítimas do abandono que resulta dos males sociais?

Padre Júlio

Moçambique

Continuação da página 1

problemas? com que meios técnicos e com que medidas? Será para dar uma ajuda aos problemas do desemprego?

Pai Américo disse que «técnico é aquele que ama», que é portanto capaz de amar estas crianças abandonadas «e amá-las até ao fim. Basta-lhe a desgraça de o serem». E até que alguém nos prove o contrário, nós somos «técnicos do amor». É o nosso estatuto.

O Gabriel vem aumentar a legião de órfãos, aqui, à nossa volta. Graças a Deus que não se confirma nele a doença da mãe. Ninguém sabe, ainda não se vê o quanto a população está minada pela doença. A profilaxia de porta em porta a que todo o povo chinês foi obrigado para diminuir a taxa demográfica, é, aqui, incompatível. A moralização e mesmo a doutrinação cristã perdem o sentido perante as condições degradantes dos direitos da pessoa humana de grande parte da população. Com a ajuda de Deus e dos nossos Amigos, vamos sofrendo com eles na utopia da libertação, e na certeza da Páscoa.

Material escolar

Nesta vinda inesperada a Portugal para um tratamento adequado ao fígado, aproveitando a ocasião de organizar coisas, que os Amigos da Obra vão oferecendo para as Casas de África.

Não temos material escolar que tanta falta nos faz. Passam de quatrocentos alunos na nossa escola, sem contar com as centenas de crianças na pré-escolar das Creches, os cursos de formação, a alfabetização de adultos. É um milhar de cadernos na abertura das aulas e por aí fora até ao fim do ano. Quem poderá socorrer-nos! É uma ajuda preciosa que prestamos para o despertar daquele Povo.

Padre José Maria

Reflectindo

Continuação da página 1

pos, também o Seu discípulo Padre Américo escolheu apresentá-IO crucificado, **hoje**, na pessoa dos mais pobres, dos mais caídos, dos mais abandonados. Com paixão da mesma espécie da do Mestre, ousou comprometer-IO na Obra de lhes estender as mãos para os «ressuscitar». E para este «bom combate», tomou por bandeira o Seu Nome e por legenda do seu escudo: «Toda a minha confiança está no Nome do Senhor que fez o Céu e a Terra».

Eis a sua cruzada, que os «fariseus e escribas», os importantes e poderosos do século, recusam entender e aceitar, mas à qual o Povo simples, amante da Verdade e sedento da Justiça, tem prestado tão calorosa adesão. Gente que, com a sua participação anónima, humilde, ajuda a mostrar Jesus presente no meio dos homens, àqueles de coração limpo e sincero que desejam vê-IO.

Gente que se assume no fundamental do seu ser e missão de discípulos.

O GAIATO tem sido o instrumento válido desta «comunicação dos Santos». Por isto mesmo é que Pai Américo lhe queria tanto — a voz sem a qual ficaria emudecido. E para que esta voz jamais enrouquecesse, nos deixou recomendações que uma vez mais recordamos a quantos também lhe querem muito.

«Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom.»

«N'O GAIATO e em outras edições; não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. **Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas.**»

Em desejo sincero, em esforço constante para que assim seja, se tem cumprido, graças a Deus, a definição tão exacta que um Professor da Universidade do Porto redigiu assim: «O GAIATO — esse pequenino jornal perturbador das consciências acomodadas.»

Padre Carlos

PENSAMENTO

A Caridade jamais se rebaixa, por muito que se aniquile.

PAI AMÉRICO

BENGUELA

Pedras grandes

QUANDO O GAIATO chegar às vossas mãos é a Festa da Páscoa. É a festa da vitória da Vida sobre a morte. Podemos falar assim.

Olho à minha volta. Alargo mais o horizonte do meu olhar e não vejo a Páscoa em multidões de pessoas que vivem e continuam a viver em túmulos fechados por grandes pedregulhos. São muitos os nomes das pedras grandes. Um deles é a *fome*. Recordo, como se fosse hoje, a reacção de um colega amigo que, ao ouvir falar da fome das crianças, mães e pais, toma a caneta e o livro de cheques e põe lá tudo quanto tinha para eu trazer para Angola. «Sabe, padre, fico doente, quando sei que há tanta gente a passar fome. Leve do que temos.» Não recebi, apenas, o dinheiro. O coração daquele homem também veio. As pedras da morte serão removidas com a vida dos corações de carne, sensíveis, abertos e generosos. Estamos a experimentar, dia-a-dia, a eficácia do amor gratuito.

Mais nomes: o *analfabetismo*, a par da fome, ocupa um alto lugar de desonra no seio da população. À nossa medida e com as nossas forças ajudamos a remover também este pedregulho que guarda no túmulo da ignorância a maior parte das mulheres e homens de Angola. É verdadeira alegria da Páscoa a passagem para o segundo nível da escolaridade, correspondente à quinta-

-classe, dum pequenino grupo de mães que fizeram a caminhada pela alfabetização. Outras dezenas iniciaram, há dias, as respectivas aulas.

Sabemos que é uma gotinha de água no oceano imenso. Não importa. Estamos a fazer o que podemos com os meios que puseste em nossas mãos. Donde veio o material escolar? Donde vêm os meios materiais para gratificar as professoras? Gosto de falar claro para que sintais, como todos nós sentimos, a alegria da ressurreição que a Páscoa nos dá. Estamos na linha da frente. Como poderíamos combater sem uma retaguarda segura e fiel. A retaguarda sois vós que nos acompanhais como parte da vossa vida.

A propósito da alfabetização, sei que a Igreja que está em Angola tomou esta missão como uma das prioridades da sua acção pastoral. Poderíamos dizer que esta não é a missão principal da Igreja. Jesus Cristo é Redentor das almas. Fez dos Seus discípulos pescadores de homens. Mas a ponte por onde se chega às almas é o corpo. O homem todo é corpo e alma. As obras de misericórdia corporais estão na primeira linha. A Igreja deve mostrar activamente e eficazmente o seu grande amor pelo homem todo. É o amor de Mãe. A alfabetização é autêntica obra de justiça e de misericórdia. O analfabetismo é, na verdade, o túmulo em



Um grupo dos mais pequeninos no Cruzeiro

que vivem sepultadas grandes multidões. A festa da Páscoa lança-nos com renovada confiança na campanha libertadora de tantas pessoas!

A alfabetização é um factor decisivo na construção da unidade familiar, em que os filhos, a frequentar a escola, vêm na mãe que também estuda um estímulo para a sua perseverança. A fuga da escola é uma tentação grande nesta fase de dificuldades económicas muito graves. O negócio fácil e o

dinheiro nas mãos atraem as crianças e deixam o mais importante para o futuro. Sentimos em nossa própria carne a força desta tentação. Lutamos sempre.

Estamos a viver a grande alegria do início da actividade docente, no terceiro nível de escolaridade, de dois dos nossos rapazes que terminaram o seu curso médio. Enquanto esperam a hora de ingressar no Ensino Superior, estão a leccionar na escola frequentada por alguns dos seus irmãos mais novos. É, sem dúvida, um momento de elevado significado para a acção da nossa Casa do Gaiato, comprometida na reconstrução de Angola. A escola está no alicerce do grande edifício nacional. Vemos, cada vez mais perto, a realização do sonho de serem os filhos da Casa a leccionar também na escola por onde começaram a subir. A alegria subiu de tom quando, em reunião havida com a direcção da escola, onde leccionam, me foi manifestada toda a gratidão pelo bom desempenho da missão que lhes foi confiada. Prepararam, deste modo, voos mais altos. Eles sabem.

Votos de Festa de Páscoa cheia de alegria!

Padre Manuel António